TESE Nº 1

Tipo: Tese-Guia da FENAJ
Título: AINDA ESTAMOS AQUI: OUSAR LUTAR PELOS DIREITOS DA CATEGORIA NO BRASIL E NO MUNDO
Proponente: Diretoria da FENAJ

Justificativa

Nossa categoria vive, no Brasil e no mundo, momentos difíceis. A começar pela própria natureza de nossa profissão, que tem o dever de reportar uma conjuntura marcada por conflitos em escala global, desastres ambientais e avanço de projetos autoritários e obscurantistas. Como se isso não bastasse, realizamos nosso trabalho em meio à uma crise estrutural que impacta a indústria nacional da comunicação. Para manter a acumulação do capital, donos dos veículos jornalísticos respondem às quedas de faturamento com demissões em massa, precarização e aumento da exploração do trabalho de nossa categoria. A isso, a FENAJ, seus 31 sindicatos filiados, bem como a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) resistem e lutam de maneira obstinada nos últimos anos.

As grandes plataformas digitais, conhecidas como *big techs*, têm relação intrínseca não apenas com a crise de nossa profissão, mas também com as questões que ameaçam a humanidade. O modelo predatório dessas empresas, sediadas principalmente nos Estados Unidos, se apropria do trabalho jornalístico sem contrapartidas. Para que aumentem suas receitas, priorizam conteúdos “engajadores” que não têm pudores ao espalhar informações falsas, sensacionalistas e promotoras de ódio. As *big techs* não aceitam ser regulamentadas por legislações nacionais locais, pairando como entidades supranacionais ameaçando a democracia e a soberania.

Para garantirem sua acumulação voraz e irracionalmente hiperbólica (vide as projeções de que, nos próximos anos, poderemos ter fortunas pessoais avaliadas em trilhões de dólares!), as *big techs* contam com proteção e apoio de Donald Trump, que capitaneia em escala global o projeto da extrema-direita que não tem mais pudores em demolir a democracia liberal.

Os sorrisos dos bilionários donos das grandes plataformas enfileirados em destaque para posse presidencial de Donald Trump, em janeiro deste ano, sintetizam o despudor do imperialismo: embora convivendo com enormes contradições internas e com sua hegemonia em xeque com o fortalecimento de arranjos multipolares e de um competidor econômico à altura, como a China, os Estados Unidos ainda tentam subjugar os países com a força das armas, da tecnologia e da pressão econômica.

Não por acaso, vivemos um mundo de conflitos e de barbárie. A História lembrará com infâmia e horror o genocídio perpetrado pelo Estado de Israel contra o povo palestino desde outubro de 2023, assassinando em escala industrial a população civil, notadamente mulheres e crianças. As forças israelenses são responsáveis por crimes hediondos em sequência e realizaram o maior massacre de profissionais de imprensa que já ocorreu em todos os tempos: mais de 250 jornalistas palestinos foram assassinados, a maior parte deles de maneira deliberada e planejada. Como jornalistas, não podemos esquecer jamais das imagens de pesadelo registradas de maneira corajosa por nossos colegas que tombaram exercendo a profissão. Para eles, a honra eterna! Por uma Palestina livre, do rio ao mar!

As máquinas de guerra que assassinam inocentes também têm as digitais das *big techs*, que agora desenvolvem enormes computadores e servidores para armazenamento e processamento de dados para desenvolver a chamada “Inteligência Artificial”, que já é empregada por Estados como um recurso estratégico militar.

Seu uso mais evidente, entretanto, é a promessa de que tais tecnologias serão responsáveis por substituir o trabalho humano em muitas tarefas. Até o momento, porém, sua utilidade ainda é limitada, não devidamente distribuída e seu impacto mais evidente se dá em outra perspectiva: para que essas máquinas possam operar, há a necessidade de uma enorme utilização de energia elétrica e de abundantes quantidades de água para resfriamento dos parques tecnológicos. Em outras palavras, as empresas tecnológicas também passaram a ter, em escala mundial, a responsabilidade direta pelo esgotamento de recursos que intensifica a crise climática que ameaça o futuro da humanidade.

Apesar de tudo isso, nós, jornalistas, ainda estamos aqui. E temos convicção de que nosso trabalho é insubstituível: até o momento, máquinas não apuram, não são empáticas e são incapazes de encontrar histórias a partir do contato e do olhar humanos. O papel de levar a informação de relevante interesse público, capaz de produzir cidadania, é um dever nosso. Por isso, reafirmamos a responsabilidade por tudo o que produzimos no nosso exercício profissional cotidiano.

Felizmente, presenciamos nos últimos anos o protagonismo de parte da categoria nas mobilizações organizadas por seus sindicatos em diferentes regiões do país. Apesar das enormes dificuldades estruturais das entidades, os nossos sindicatos têm dado respostas concretas, obtendo vitórias para a categoria, sob a orientação da FENAJ, e participado das lutas gerais da classe trabalhadora no Brasil.

É exatamente a luta por soberania e por pautas de interesse do povo brasileiro, como a taxação dos super ricos, o fim da escala 6 por 1 e hoje, a conquista da isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R$5 mil, que neste momento dão novo alento e fôlego às lutas populares em nosso país.

Mantendo nossa independência de classe, de partidos e de governos, nossas entidades não tiveram a mínima hesitação ao apoiar de maneira aguerrida a vitória do presidente Lula em 2022, derrotando o projeto autoritário e obscurantista de Jair Bolsonaro, agressor contumaz e documentado de nossa categoria.

Reconhecendo a importância da defesa da democracia e de conquistas em favor do povo brasileiro, a FENAJ e nossas entidades sindicais não fecham os olhos para as contradições da atual conjuntura deste governo Lula, que pode se exemplificar nos tímidos avanços na comunicação pública a partir da Empresa Brasil de Comunicação (EBC). É por isso que, com eleições que se avizinham em 2026, devemos ampliar o protagonismo popular e de luta para garantir que o Congresso Nacional, o governo federal, os governos estaduais e as Assembleias Legislativas, de fato, atendam os interesses nacionais e da classe trabalhadora brasileira.

Aos golpistas do passado e do presente, que se faça justiça e que a eles estejam reservados o lixo da História e as devidas punições. Com generais e militares no banco dos réus e condenados, começamos a passos lentos a ajustar contas de nosso próprio passado, marcado por golpes, violência e pelo ódio da classe dominante às trabalhadoras e trabalhadores que ousam construir uma nova realidade. Reafirmamos a força contida na máxima expressão de que apenas a luta, de forma organizada, muda a vida para melhor e de que a democratização dos meios de comunicação se constitui como fundamento na construção de uma sociedade democrática. O futuro é nosso, dos trabalhadores e trabalhadoras que produzem todas as riquezas do mundo!

PROPOSTAS PARA O PLANO DE LUTAS:

1 – Fortalecer a FENAJ e os Sindicatos para lutar pela valorização da categoria: É preciso ampliar a mobilização da categoria, promover campanhas salariais combativas e em âmbito nacional e unificado. Devemos ter papel protagonista na luta contra a pejotização e todas as maneiras de precarização da nossa profissão e de seus trabalhadores e suas trabalhadoras.

2 – Defender a democracia, os direitos do povo brasileiro: A luta da categoria passa pela defesa da soberania nacional e por um país verdadeiramente comprometido com os interesses da classe trabalhadora, combatendo o golpismo, o autoritarismo e o obscurantismo. Mantendo nossa independência, devemos ter protagonismo na defesa e ampliação da comunicação pública, com a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), além de lutar pela democratização dos meios de comunicação e a regulação das plataformas digitais.

3 – Defender o sistema público de comunicação: Mantendo nossa independência, devemos ter protagonismo na defesa e ampliação do sistema público de comunicação, com a reconstrução da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), a manutenção das

emissoras públicas estaduais de Rádio e TV, além de lutar pela democratização dos meios de comunicação e a regulação das plataformas digitais.

4 – Enfrentar a violência e o autoritarismo contra jornalistas: Exigir do Estado brasileiro políticas permanentes de proteção a jornalistas, com protocolos de atuação articulados entre os ministérios dos Direitos Humanos, Igualdade Racial, Mulheres, Justiça e Comunicação. Promover a responsabilização de agressores e agentes públicos que atentem contra o livre exercício do jornalismo. Fortalecer o monitoramento e a divulgação anual do Relatório da Violência contra Jornalistas, como instrumento de denúncia e mobilização. Ampliar a articulação com o Congresso Nacional para institucionalizar uma agenda legislativa de defesa da liberdade de imprensa.

5 – Formular princípios éticos para uso de IA em redações e assessorias, com base nos valores do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros: Instituir um Grupo de Trabalho para se debruçar sobre o tema. Promover formações sindicais e oficinas de qualificação sobre o uso responsável da IA no jornalismo.

6 – Ampliar a solidariedade internacional da categoria: A partir do fortalecimento de nossa atuação na Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ), na Federação de Jornalistas da América Latina e Caribe (FEPALC) e na Federação Latino-americana de Jornalistas (FELAP), devemos ampliar nossa participação nas lutas de interesse de jornalistas em todo o planeta. Lutaremos contra os projetos autoritários e da extrema-direita, como o de Javier Milei na Argentina, que tenta destruir a comunicação pública local. Seguiremos denunciando os crimes cometidos contra a atuação jornalística e o assassinato deliberado de profissionais de imprensa na Palestina, para que Israel seja julgado e condenado por seus crimes contra a humanidade.